



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO/RS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS
E ESPANHOL - LICENCIATURA

ROSEARA STÖLBEN

O TEMPO E O VENTO: TEMPOS DE RESISTÊNCIAS

Cerro Largo/RS

2019

ROSEARA STÖLBEN

O TEMPO E O VENTO: TEMPOS DE RESISTÊNCIAS

Trabalho de Pesquisa apresentado ao Curso de Letras - Português/Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Cerro Largo/RS, como requisito parcial para aprovação no Componente Curricular de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador(a): Professora Dr^a. Neiva Maria Mallmann Graziadei

Cerro Largo/RS

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Stölben, Roseara. *O Tempo e o Vento: Tempos de Resistências*
/Roseara Stölben. -- 2019.
28 f.

Orientadora: Doutora em Literatura Comparada Neiva Maria
Mallmann Graziadei.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Letras-
Português e Espanhol-Licenciatura, Cerro Largo, RS, 2019.

1. .. I. Graziadei, Neiva Maria Mallmann, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Fonte: Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ROSEARA STÖLBEN

O TEMPO E O VENTO: TEMPOS DE RESISTÊNCIAS

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras: Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Dra. Neiva Maria Graziadei

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

25 / 06 / 2019

BANCA EXAMINADORA



Dra. Neiva Maria Graziadei – UFFS
(Presidente/Orientador)



Dr. Pablo Lemos Barned – UFFS



Ms. Roberta Kolling Escalante – UFFS

RESUMO

O termo resistência, apesar de ser um conceito abstrato, aplica-se a muitas situações ou condições do ser humano no sentido de confronto ou não aceitação de algo que lhe seja imposto. Também pode apresentar-se como um objeto que simbolicamente, em determinado momento, assume este papel. No âmbito da literatura, essa definição é bastante ampla. Por isso, o objetivo desse artigo é analisar como esse conceito se aplica a alguns personagens, a objetos e à própria natureza presentes na trilogia *“O tempo e o vento”* (2004), do escritor gaúcho Erico Verissimo. Para tanto, buscar-se-á os conceitos propostos por Georg Lukács, Alfredo Bosi, Regina Zilberman, entre outros autores que discutem essa concepção no universo das humanidades.

Palavras-chave: O Tempo e o vento; Literatura; resistências.

RESUMEN

El término resistencia, a pesar de ser un concepto abstracto, se aplica a muchas situaciones o condiciones del ser humano en el sentido de confrontación o no aceptación de algo que le sea impuesto. También puede presentarse como un objeto que simbólicamente, en determinado momento, asume este papel. En el ámbito de la literatura, esta definición es bastante amplia. Por eso, el objetivo de este artículo es analizar cómo ese concepto se aplica a algunos personajes, a objetos y a la propia naturaleza presentes en la trilogía "*O tempo e o vento*" (2004), del escritor gaucho Erico Veríssimo. Por lo tanto, se buscará los conceptos propuestos por Georg Lukács, Alfredo Bosi, Regina Zilberman, entre otros autores que discuten esa concepción en el universo de las humanidades.

Palabras-clave: O Tempo e o vento, Literatura; Resistencias.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O AUTOR E SUA FORTUNA CRÍTICA.....	7
3 A OBRA	9
3.1 O CONTINENTE	9
3.2 O RETRATO	11
3.3 O ARQUIPÉLAGO	11
4 A RESISTÊNCIA EM <i>O TEMPO E O VENTO</i>	12
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

Erico Veríssimo, a princípio, não sabia ainda como se daria o esboço de sua escrita quando iniciou o primeiro volume de *“O tempo e o vento”*, assim como o professor Marcílio Gomes Júnior, da Oficina do Estudante afirma que “quando começou a escrever *“O tempo e o vento”*, Veríssimo não tinha um projeto de como seria a obra, já que ela foi se construindo ao longo do trabalho de escrita. A princípio, não tinha a intenção de escrever os três volumes que compõem a trilogia porque ele não era muito afeito a discorrer sobre regionalismos e, por isso, tinha muitas reservas em relação ao tema; mas o sucesso de *“O continente”* motivou-o a dar seguimento ao que se tornaria o romance histórico do Rio Grande do Sul por excelência.

Entre tantos aspectos que podem ser investigados na obra de Veríssimo, um deles se evidencia pelo simbolismo que representa para a composição do romance. Trata-se dos processos de resistências presentes ao longo da trilogia. Como este é um tema com pouco ou nenhum estudo, segundo as leituras realizadas até o momento sobre os romances do autor, o objetivo é examinar esses processos com a intenção de oferecer uma leitura diferenciada ao leitor interessado em estudar *O Tempo e o Vento* sob outro olhar: um olhar voltado às questões mais intimistas dos personagens.

A pesquisa que ora é apresentada tem a finalidade de analisar os processos de resistências presentes nessa trilogia composta por três romances¹: *“O continente”* (1997), *“O retrato”* (1997) e *“O arquipélago”* (1997). Nela, percebe-se que são várias, como as físicas, representadas pela paisagem inóspita do pampa gaúcho ou pelo vento minuano adquirindo este, o *status* de protagonista, já que é uma presença constante no conjunto da obra que dialoga com os personagens e influenciam os seus estados de espírito. Isso se constata, por exemplo, quando Pedro Terra parte para outra guerra, no ano de 1811 e, ao despedir-se da mãe, lhe diz: *“Mãe, tome conta de tudo...”* (VERISSIMO, 2007, p. 99). Ela, conformada com a situação, escuta o vento: *“Estava de tal maneira habituada ao vento que até parecia entender o que*

¹ O trabalho se baseia na leitura da trilogia publicada pela Coleção em um box composto por sete livros: *“O continente”*, volumes I e II; *“O retrato”*, Volumes I e II e *“O arquipélago”*, volumes I, II e III, publicada em Agosto de 2015 pela Editora SCHWARCZ S.A., porém algumas citações mais específicas foram retiradas da publicação da Companhia das Letras de 2007 porque algumas partes da coleção de 2004 publicada em 2015 no box apresenta partes da história mais sintetizadas.

ele dizia...” (VERISSIMO, 2007, p. 99) e ela sempre repetia a mesma frase: *“Noite de vento, noite dos mortos”* (VERISSIMO, 2007, p. 99). O aforismo passou da avó, Ana Terra, para a neta Bibiana, que também habituou-se a sussurrá-lo em momentos de conformidades e tristeza profunda.

Para além do vento, outras resistências de caráter concreto também são representadas pela tesoura, pela roca e pelo próprio Sobrado, elementos que resistiram ao tempo, às guerras e às gerações. Por outro lado, a paisagem, caracterizada pelos amplos campos que serviam tanto para o pastoreio do gado e para o cultivo de alimentos, quanto de palco para as lutas territoriais, como a Guerra dos Farrapos e a Revolução dos Federalistas, as disputas familiares e políticas não oferece ao vento nenhum empecilho. Ele corre solto, ecoando pelos campos como um clamor de liberdade. Essa dicotomia, o vento como resistência ao passado que impele a frente e nunca olhar para trás porque isso simbolizaria olhar para as tragédias ocorridas, contrasta com a paisagem campeira, liberta de obstáculos.

Destacam-se também, as resistências de ordem pessoal e políticas que pendem ora para o familiar ora para o comunitário, criando assim, conflitos entre os moradores daquele povoado típico da Província de São Pedro, compondo um conjunto histórico de dimensões épicas que nos aproxima aos quase 200 anos do processo de formação do Estado do Rio Grande do Sul.

2 O AUTOR E SUA FORTUNA CRÍTICA

Erico Veríssimo tornou-se um autor reconhecido em muitos países, basta observar o número de traduções, artigos e obras publicadas sobre ele. De acordo com Flávio Loureiro Chaves, no artigo *“Erico Verissimo não é um romancista de 30”* publicado por Daniele Marcon e João Cláudio Arend, no ano de 2010 o número estimado por ele era de 1.200 ou 1.300 títulos que, somente Flavio Loureiro Chaves doou de seu acervo para a casa de cultura de Erico Verissimo.

Entre tantos trabalhos realizados sobre as obras do escritor, encontramos alguns nomes muito conhecidos da Literatura como Flavio Loureiro Chaves, Regina Zilberman, Alfredo Bosi, Alcmena Bastos, Maria da Glória Bordini, Robson Pereira Gonçalves, Alberto da Cunha Mello, Clarissa Loureiro Barbosa, entre muitos outros autores. Como Flavio Loureiro Chaves havia mencionado em seus trabalhos, a fortuna crítica de Verissimo é muito rica.

No livro “O Tempo e o Vento 50 anos”, de Robson Pereira Gonçalves, o qual foi escrito com a colaboração de diversos autores que falam de Erico Verissimo, podemos observar essa riqueza mencionada por Chaves. Nessa contribuição ao livro, Regina Zilberman afirma que “O Tempo e o Vento” inclui-se na vertente do romance histórico, tendo em vista que o “passado atualiza o presente” unindo mito e realidade, trabalhando com tempo cronologicamente e o mito com entidades históricas. Maria da Glória Bordini, diretora do acervo literário de Erico Verissimo, se concentra em abordar as questões antecedentes da narrativa do autor, como por exemplo, os modelos que serviam de referências que contribuíram até a questão ideológica, literária e histórica do escritor.

Para Flavio Loureiro Chaves, “O Tempo e o Vento” é entendido como um modelo de romance histórico que possibilita a discussão política e ideológica da formação do Rio Grande do Sul, além de descrever Erico Verissimo como “testemunha da história” que visa representar a história a través da ficção.

Erico Lopes Verissimo, romancista do segundo período do modernismo (1930-1940), nasceu em Cruz Alta (RS) no dia 17 de dezembro de 1905, filho de Sebastião Verissimo da Fonseca e Abegahy Lopes Verissimo. Em 1920, estudou, em regime de internato, no Colégio Cruzeiro do Sul, na capital gaúcha. Em 1922 seus pais se separam e Verissimo mudou-se para a capital junto de sua mãe e irmãos. Para ajudar nas despesas da casa, passou a trabalhar como balconista em um armazém e depois no Banco Nacional do Comércio, sempre aproveitando o tempo que dispunha para fazer suas leituras, sendo que desde muito pequeno pegara gosto pela prática tanto que trabalhou também como professor de literatura e língua inglesa.

Em 1931 regressa à Cruz Alta, casa-se com Mafalda e retorna para a capital. Dessa união nasceram Clarissa Verissimo (1935) e o também escritor Luís Fernando Verissimo (1936). Recebeu ao longo de sua carreira diversos prêmios importantes como "Prêmio Machado de Assis" com a obra "*Música ao Longe*" e o "Prêmio Graça Aranha" com "*Caminhos Cruzados*". Entre várias obras escritas pelo autor, a partir 1947, Érico Veríssimo começou a escrever a que seria considerada sua obra-prima, a trilogia *O Tempo e o Vento*. Esse trabalho foi consagrado como sua mais importante obra porque, através dela, aborda fatos e questões históricas a respeito de quase 200 anos da história da formação do Estado do Rio Grande do Sul.

3 A OBRA

Considerando que a principal característica de uma epopeia é contar a história de um povo, a trilogia de Veríssimo pode ser considerada uma, já que narra fatos importantes da história tanto do Estado do Rio Grande do Sul quanto do Brasil, como as guerras, por exemplo. Do ponto de vista histórico-literário, o romance é considerado como símbolo da literatura regionalista porque retrata a história do povo gaúcho. Chamado Romance de 30, é de cunho neorrealista porque alia a descrição do Realismo às investigações psicológicas das personagens e liberdades linguísticas do narrador, frutos do Modernismo.

A obra, que teve várias edições publicadas, se apresenta dividida em três romances: *O Continente*, volumes I e II; *O Retrato*, volumes I e II; *O Arquipélago*, volumes I, II e III, sendo esta a versão da coleção lançada pela Editora São Paulo, Companhia das Letras, 2004, utilizada nesta análise.

3.1 O CONTINENTE

Publicado originalmente em 1949, *O Continente* é o primeiro volume de uma trilogia que narra a formação do Rio Grande do sul pelo ponto de vista de personagens que integram as famílias dos Terra e dos Cambará. O primeiro volume se divide em três histórias que interagem por meio dos personagens: “A Fonte”, “Ana Terra” e “Um Certo Capitão Rodrigo”, e a quarta história que se apresenta no segundo volume é “O Sobrado”.

Nesses dois volumes é contada a história da índia² que chega em trabalho de parto na região das Missões e é auxiliada pelos Padres Jesuítas, principalmente pelo Pe. Alonso que ajuda no parto de Pedro Missioneiro e na criação do mestiço³, fruto do estupro de sua mãe cometido pelos castelhanos. Também é contada a história da simples e tradicional família Terra composta pelo patriarca Maneco Terra, pela matriarca Henriqueta e pelos seus filhos Horácio, Antônio e Ana Terra. Esta, uma moça bonita e de personalidade forte que entrelaça sua vida à de Pedro Missioneiro e desse romance engravidada. Devido aos costumes da época, em que “a

² Termo apresenta-se tal qual o autor utiliza no romance. ³ Idem.

honra se lavava com sangue”, seu pai manda os irmãos de Ana protegerem sua honra, matando Pedro Missioneiro.

Depois de alguns anos a família sofre um ataque dos castelhanos, o que praticamente a dizima, restando apenas Ana Terra - vítima de estupro coletivo - seu filho e sua cunhada porque mantiveram-se escondidos.

Outro episódio é “Um certo Capitão Rodrigo”. Homem de personalidade forte, acostumado a pelear nas guerras e batalhas, surge na província de Santa Fé causando grande impacto, já que logo que chega na cidade se apaixona por uma moça comprometida pelo filho de Bento Amaral, o “mandachuva” da cidade. Seu nome é Bibiana e para conquistá-la o Capitão Rodrigo enfrenta um duelo com o rival. Nesse duelo, o Capitão quase morre, porém conquista a permissão para casar-se com a donzela. Porém, o preço desse casamento custou-lhes inimizades na política, mas admiração das pessoas do lugar. Com sua família estabelecida, donos de um armazém e com filhos, o capitão Rodrigo enfrenta a monotonia dessa vida, perde-se em jogos, bebidas e farras enquanto sua amada Bibiana toma conta de tudo sozinha, inclusive da morte de sua filha enquanto seu marido estava pelas farras. Tudo isso contribuiu para que ele voltasse a lutar em batalhas, o que deixava Bibiana muito apreensiva.

Em “O Sobrado”, é relatado os dias de junho de 1895, em que o sobrado de Licurgo Cambará encontra-se cercado e sua família enfrenta grandes dificuldades, tendo apenas laranja e farinha como alimentos. Sua esposa agoniza depois de um parto complicado, seus dois filhos vivem como podem já que são muito pequenos ainda. Ouvindo as histórias de Laurinda – empregada, escrava liberta – e Fandango, Maria Valéria tenta esconder seu amor pelo cunhado Licurgo e se divide entre cuidar dos sobrinhos e da irmã. Dona Bibiana, já com idade avançada fica no quarto, ouvindo o vento e esperando, como sempre fez em sua vida.

3.2 O RETRATO

Em “O Retrato”, publicado em 1951, o segundo romance da trilogia, houve a subdivisão em dois volumes, nos quais encontram-se as histórias de “Rosa-dos Ventos”, “Chantecler”, “A Sombra do Anjo” e “Uma Vela para o Negrinho”.

Nesse segundo romance, é dada a continuação da história dos Terra-Cambará e do Sobrado, mas dessa vez já é contada a história de Rodrigo Terra Cambará, bisneto do Capitão Rodrigo Cambará. Esse Rodrigo é recém formado em medicina que retorna à Santa Fé cheio de ideias e querendo modernizar o lugar, em vista que a vida que levava na Capital era totalmente diferente do que ele encontrara em Santa Fé. Para ele, aquele lugar havia sido esquecido, pois nada tinha ali. Devagar esse atual Rodrigo vai mostrando os traços herdados do seu bisavô: espírito aventureiro, gosto pelas farras e mulheres, “sangue quente” que não foge da luta. Logo demonstra um espírito político, tornando-se um líder preocupado com causas populares com vontade de ajudar o povo e transformar Santa Fé. Rodrigo funda o jornal “A Farpa”, no qual expõe suas ideias e “alfineta” seus inimigos políticos nos artigos em que escreve. Nesse momento, escreve artigos contra Hermes da Fonseca e a favor de Rui Barbosa, que vence as eleições na época. Outro fato que cerca Rodrigo é a questão amorosa: é apaixonado por Flora, mas ele acaba se envolvendo com uma jovem da família Caré.

3.3 O ARQUIPÉLAGO

O terceiro romance da trilogia, publicado em 1961, apresenta-se dividido em três volumes que continuam relatando a história da família Terra Cambará e as façanhas do Dr. Rodrigo Terra Cambará. A reunião familiar é descrita em um “caderno de pautas simples” do filho mais velho, contando a delicada situação familiar, as discussões políticas entre Rodrigo, Tio Bicho (amigo da família e confessor de Floriano), Irmão Zeca (filho bastardo de Toríbio, um irmão marista), Terêncio Prates (sociólogo formado pela Sorbonne e estancieiro), acabando sempre na figura de Getúlio Vargas que Rodrigo tanto defende.

Essas anotações preenchem algumas lacunas sobre acontecimentos menores da história, como lembranças de infância e adolescência; o colégio interno,

onde era um dos amantes da mulher do diretor; impressões sobre o dia a dia daquela reunião; memórias de quando era professor universitário de Literatura Brasileira em São Francisco, etc. O encerramento da trilogia ocorre com uma conversa definitiva entre Rodrigo e seu filho Floriano.

4 A RESISTÊNCIA EM *O TEMPO E O VENTO*

O termo resistência provém de uma ou mais relações de poder. Apesar de ser um conceito abstrato, aplica-se a muitas situações ou condições do ser humano no sentido de confronto, ou não aceitação de alguma situação/condição imposta. Também pode apresentar-se como um objeto que simbolicamente, em determinado momento, assume este papel. No âmbito da literatura, essa definição é bastante ampla e por isso buscaremos analisar as resistências presentes na construção de alguns personagens na obra, como Ana Terra, Pedro Missioneiro, Licurgo, Capitão Rodrigo, Bibiana, Dr. Rodrigo, entre outros, ao longo do romance, sendo que cada personagem possui características próprias como a força, a coragem, a bravura, interligando esses personagens por algo em comum: suas resistências, sejam elas físicas, políticas e psicológicas, que compõem sua história.

Segundo BOSI (2002) *“resistência é um conceito originariamente ético, e não estético” e que “seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força exterior ao sujeito”*. Esse conceito pode ser entendido como não cooperação, desobediência, atitudes de indignação ou de revolta, ao que antes foi referido como relações de poder. Ainda, de acordo com Bosi (2002), resistir é *“opor a força própria à força alheia” (p.118)*, o que também é perceptível na leitura já no início da trilogia quando o Sobrado apresenta-se cercado pelos inimigos e a família Terra Cambará apresenta-se bastante cansada, mas não opta pela desistência. Bosi ainda afirma que

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições (BOSI, 2002, p. 134).

Considerado como um romance histórico, a trilogia “*O tempo e o vento*” retrata o período histórico que conta uma parte da história do Brasil vista a partir do Sul narrando quase 200 anos de história, desde 1745 até 1945. Sobre romance histórico, Georg Lukács afirma que:

(...) representa as grandes transformações da história como transformações da vida do povo. Seu ponto de partida está sempre na apresentação das influências na vida cotidiana do povo por parte das importantes modificações históricas, e na apresentação das modificações materiais e psíquicas provocadas por aquelas nos seres humanos que, sem dar-se conta de suas causas, reagem sem embargo a elas de forma imediata e veemente. Partindo dessa base, elabora as complicadas correntes ideológicas, políticas e morais que por força surgem nessas transformações. (LUKÁCS, 1966, p.52-53)

Com isso, Lukács afirma que um romance histórico não é aquele que conta exatamente os fatos ocorridos em uma época e que o importante não é como ou por que aconteceu um grande fato histórico, mas as impressões que ele causou ao povo. Além disso, afirma ainda que o romance histórico

(...) trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica. E é uma lei da figuração ficcional (...) que, para evidenciar as motivações sociais e humanas da ação, os acontecimentos mais corriqueiros e superficiais, as mais miúdas relações (...) são mais apropriadas que os grandes dramas monumentais da história mundial. (LUKÁCS, 2011, p. 60).

Já para Flávio Loureiro Chaves (2001), a trilogia “*O tempo e o vento* é essencialmente, no seu conjunto, um romance histórico, e representa a chave da resolução formal que o romance histórico brasileiro vinha procurando desde os tempos do Romantismo de Alencar” (p. 96). Alcmeno Bastos (2007, p. 96) destaca que, “se *O tempo e Vento* deve ser considerado romance histórico, deve sê-lo por igual e por inteiro, independentemente de os fatos contados em cada um dos volumes coincidirem ou não com a época histórica vivida pelo escritor”. Do ponto de vista histórico-literário, o romance é considerado como símbolo da literatura regionalista sul-rio-grandense porque retrata a história do povo gaúcho em determinada época. Chamado Romance de 30, é de cunho neorrealista porque alia a descrição do Realismo às investigações psicológicas das personagens e liberdades linguísticas do narrador, frutos do Modernismo. Segundo Maria da Glória Bordini

(...)salientam-se a importância das Missões, o papel fundacional de Pedro Missioneiro, os confrontos entre liberais e terratenentes, envolvendo Rodrigo Cambará, e a sabedoria de Maria Valéria ante a guerra. Prefiguram-se os símbolos fortes do romance, o vento e o punhal, e há a fixação das cronologias, a fim de garantir a coerência da história, bem como da criação de conflitos nas relações pessoais, para evitar a monotonia no ritmo da narrativa. (BORDINI, 2004, p. 68).

Do mesmo modo que Bordini (2004) descreve o romance de 30 e as características dos personagens em *O Tempo e o Vento*, Candido afirma que

O romance moderno procurou, justamente, aumentar cada vez mais esse sentimento de dificuldade do ser fictício, diminuir a ideia de esquema fixo, de ente delimitado, que decorre do trabalho de seleção do romancista. Isto é possível justamente porque o trabalho de seleção e posterior combinação permite uma decisiva margem de experiência, de maneira a criar o máximo de complexidade, de variedade, com um mínimo de traços psíquicos, de atos e de ideias. A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas. (CANDIDO, 1974, p.59)

O pensamento desse autor nos revela a complexidade de alguns personagens, por exemplo, em Bibiana, mulher controversa e com atitudes que demonstravam sua resistência ao *status quo* daquela época, pois Erico Veríssimo buscou estabelecer em suas obras, principalmente na trilogia *O Tempo e o Vento*, o lado mais humanista dos personagens, demonstrando repúdio pela violência e denunciando os males da sociedade em uma clara oposição ao ambiente hostil criada pelo antagonismo das duas famílias.

Observando suas características ao longo da trilogia é possível compreender o posicionamento dos autores, já que, mesmo os protagonistas e os personagens que poderiam ser considerados como os mocinhos e mocinhas no romance apresentam falhas de caráter. Não há nele um ser humano perfeito, nem mesmo um herói, já que cada personagem carrega em si as imperfeições humanas, o que permite uma visão mais realista das histórias que compõem a trilogia, desta maneira ocorre a “desmistificação do herói”, como Robson Pereira Gonçalves (2000) afirma que Erico Veríssimo, principalmente nos episódios de *A Fonte*; *Ana Terra*, *Um certo Capitão Rodrigo*, *A Guerra* e *Ismália Caré*, apresentou essa “desmistificação dos

heróis, que, embora ainda sejam moldados como emblemas, humanizam-se em termos de ambiguidades moral” (GONÇALVES, 2000, p.57).

É interessante ainda lembrar a observação feita por Regina Zilberman sobre o aspecto estrutural do romance *O Tempo e o Vento*: “*importante também é a estrutura da obra: o romance abre e fecha com uma moldura, o cerco ao sobrado ao final de junho de 1895, com seu ritmo próprio e independência em relação ao conjunto do texto*”. (ZILBERMAN, 1998, p. 140).

Através do jogo entre presente e passado sinalizando o percurso da história do Rio Grande do Sul, de 1745 a 1895 apresentados na trilogia, acompanhamos a ascensão social e política da família, em harmonia com a constituição dos grupos políticos que passaram a dominar a trama política regional e nacional do século XX, conforme explica Regina Zilberman, quando afirma que

Os Cambará de pacientes da história e das classes dominantes, passam a agentes daquela época porque mudam de posição social. Por isso, “se Ana Terra é testemunha do movimento das forças sociais e vítima de seus conflitos pessoais, Licurgo Cambará, seu trinetto, é um dos responsáveis pela vitória de Júlio de Castilhos e pela consolidação do Partido Republicano RioGrandense (PRR) no estado”. (ZILBERMAN, 2003, p.31).

Dessa forma, a autora evidencia a importância de Licurgo Cambará para a representação da história na obra de Érico Veríssimo. O protagonista de “O Sobrado” representa os valores do gaúcho, já introduzidos em sua família na figura do capitão Rodrigo Cambará, e a consolidação da família Terra Cambará no poder político de Santa Fé. Sobre essa questão de resistência política enfrentada ao longo de gerações, Antônio Candido, em *Textos de intervenção* e Alfredo Bosi em *Literatura em resistência* expressam que a sociedade brasileira, mesmo sendo considerada uma democracia, ainda possui traços de heranças passadas dos regimes autoritários e modelos de tradição patriarcal, assim como foi retratado na trilogia “*O Tempo e o Vento*”, de Érico Veríssimo onde foi apresentado o personagem Maneco Terra que representava esse modelo de regime patriarcal já no primeiro livro “*O continente*”, no qual o homem é o chefe da família, o sujeito que manda e os demais têm que obedecer e respeitar. Outras figuras representativas desse modelo vão surgindo ao longo do romance: Pedro Terra (filho de Ana Terra),

Bibiana Terra, o capitão Rodrigo Cambará, Florêncio Terra, Bolívar Cambará, Col. Ricardo Amaral, Francisco Amaral, Licurgo, entre outros.

O vento possui um importante papel no romance, a ponto de torná-lo um personagem, já que está sempre presente desde o primeiro até o último volume da obra, principalmente nos grandes acontecimentos; Bibiana remete a ele como uma constante resistência na sua vida: *“Noite de vento, noite de mortes”* (VERÍSSIMO, 1994, P.142). O vento nos remete as inconstâncias, instabilidades da história, sempre anunciando que algo importante está por acontecer ou que algo mudará. Outra questão importante que podemos atribuir representativamente ao vento e ao tempo é que este representa o homem, o conquistador e passageiro, enquanto aquele representa a mulher, a que cria e fixa raízes, assim vistos naquela época.

Objetos importantes apresentados na obra como a tesoura que representa a vida, já que ela é o instrumento usado para trazer vidas ao mundo quando usada para cortar o cordão umbilical de cada bebê que as mulheres da família Terra ajudavam a trazer ao mundo, inclusive todas as crianças da família Terra-Cambará. Além disso, a tesoura remete a autonomia das mulheres, tendo em vista que a profissão de parteira era um trabalho referente as mulheres. Profissão essa que tem início na trilogia com a personagem Dona Henriqueta ao cortar o cordão umbilical de seu neto Pedro Terra, filho de Ana Terra: *“Naquela noite nasceu o filho de Ana. A avó cortou-lhe o cordão umbilical com a velha tesoura de podar”* (VERÍSSIMO, 2004, p. 144), corroborando para compreendermos que esse ofício é provindo de experiências advindas de mulher a mulher no decorrer do tempo através das gerações. Já em mãos de Ana Terra, sua relação com o objeto é de respeito, afeto e companheirismo, como se observa nesse trecho *“Ana conservava sempre junto de si, à noite, a velha tesoura, pensando assim: Um dia inda ela vai ter a sua serventia”* (VERÍSSIMO, 2004,p.174), pois ela tinha a certeza de que era a tesoura que mudaria sua vida de forma positiva. Desse modo, a tesoura assume um papel importante na trilogia, uma vez que percorre as gerações como uma marca da família Terra e lembrança dos antepassados.

A roca, podemos associar como o símbolo de rotina, de espera e da escravidão do trabalho e do cotidiano das mulheres, pois Dona Henriqueta passava muitas horas de seu dia fiando em tal objeto, enquanto que para Ana Terra, a roca se transformou em instrumento de liberdade, pois deste objeto tirava o sustento de

sua família e assim segue durante a história toda como um fio condutor das gerações, mesmo que o sentimento de solidão lhe assombrasse

Olhava para a roca e lembrava-se dos tempos lá na estância, quando a alma de sua mãe vinha a fiar calada a noite. A roca ali estava, velha e triste, e Ana Terra sentia-se mais abandonada do que nunca, pois agora nem o fantasma da mãe vinha fazer-lhe companhia (VERISSIMO, 2004, p. 181)

Nesse fragmento podemos perceber que Ana Terra pode ser considerada a primeira matriarca da família Terra, ela mesma se sustenta e cria seu filho sozinha, lutando para uma vida melhor através do suor de seu trabalho. A resistência está explícita nesse trecho, tanto da memória quanto física, pois Ana recordava do passado ao mesmo tempo em que buscava forças para viver em um futuro melhor junto a seu filho Pedro, porém deixa claro que a roca era símbolo de escravidão no trecho em que diz “*Prometo nunca mais voltar depois de morta para trabalhar na roca, como a minha mãe fazia*” (VERISSIMO, 2004, p. 224).

Não menos importante, é o punhal herdado por Pedro Missioneiro de seu preceptor Pe. Alonso e que seguiu como herança para Pedro Terra, fruto do amor de Pedro Missioneiro e Ana Terra, pois enquanto para um servia como arma de defesa, para o outro, representava a lembrança do pai que nem ao menos teve oportunidade de conhecer.

Dessa forma, compreendemos que cada objeto tem papel fundamental para a construção da identidade de cada personagem e em cada época, além de serem “lugares de memória”. Em relação a isso, Bosi (BOSI,1994; *Apud.* RODRIGUES, Laiane Coelho; BARBOSA, Clarissa Loureiro, p.03) afirma que a identidade é construída por meio de crenças, costumes e através do meio social levando em consideração as memórias, ou seja, os objetos transpassam o tempo, trazendo consigo recordações e lembranças de uma geração para a outra.

Nesse sentido, cada instrumento é dotado de história ao longo do romance; voltando a tesoura, por exemplo, com sua importância logo no nascimento de Pedro Terra. Dali por diante percorreu o romance todo, bem como percebemos na passagem em que “Ana conservava sempre junto de si, à noite, a velha tesoura, pensando assim: Um dia inda ela vai ter a sua serventia” (VERISSIMO, 2004, p.174) e assim, desse modo vai ocorrendo uma evolução dos personagens através do romance sempre com a tesoura presente ao longo da obra.

Outro ponto importante que vale refletir é sobre o papel da mulher na sociedade daquela época. Limitava-se a ser dona de casa, mãe e esposa, o que muda ao longo do romance quando Erico Veríssimo lhe dá autonomia e autoridade trazendo a força e a coragem ao passar do modelo patriarcal da família Terra para o matriarcal. Exemplo desse fato é a família Terra, com o patriarca Maneco e sua filha Ana. Ele, um homem forte, trabalhador cheio de princípios e moral também criado em uma família na qual imperava esse modelo. Assim perpetua esse modelo em sua vida familiar oprimindo sua esposa Henriqueta e Ana, as quais tendem a aceitar os princípios de Maneco, no qual as mulheres eram submetidas à conformidade de sua serventia e obediência, como relatado no trecho “*D. Henriqueta respeitava o marido, nunca ousava contrariá-lo*” (VERÍSSIMO, 1994, p.516). Já Ana, inicialmente uma moça obediente às regras do pai, torna-se, no decorrer da história, uma mulher forte e guerreira, cheia de sonhos e de coragem, transformando-se em ponto central dos acontecimentos, além de grande responsável pela continuidade da família, que se funde posteriormente em Terra-Cambará. No romance, Ana surge na narrativa com 25 anos de idade e com esperança de casar-se “*não que sentisse muita falta de homem, mas acontecia que casando poderia ao menos ter alguma esperança de sair daquele cafundó*” (Ana Terra, p.8).

Além das características de Ana Terra descritas no romance de Veríssimo, Chaves (p.76) enriquece as descrições alegando “*Eu penso nela como uma espécie de sinônimo de mãe, ventre, terra, raiz, verticalidade (em oposição à horizontalidade nômade dos homens), permanência, paciência, espera, perseverança, coragem moral*”. Essa afirmação já faz uma alusão da importância dessa personagem no romance, e por isso foi considerada por MELLO (2009) como “*uma das primeiras e mais fortes personagens da literatura brasileira a denunciar a opressão da mulher na sociedade brasileira, mas sem comícios, com a força, apenas, da coragem e da beleza*”.

Por meio de Ana Terra e sua neta Bibiana, representa-se o espírito de resistência das mulheres que modificaram as características do modo de agir diante dos homens, e agora passam a assumir o papel de mulheres fortes, guerreiras, corajosas e não mais submissas aos mandos e desmandos de seus pais ou maridos, como pode-se ver no trecho “*Bibiana preferia resumir seus sentimentos numa frase: “É meu marido, eu gosto dele”*” (VERÍSSIMO, 1982, p.270), mostrando

que dessa vez era a mulher que tinha o poder de decisão se continuaria casada com o Capitão Rodrigo ou não. Apesar da época, mostra sua imposição, mesmo sabendo que o homem com quem se casara havia se tornado um farrista. Depois da morte do Capitão Rodrigo e com o sobrado cercado pelos inimigos, restara a Bibiana suas memórias do passado e o tormento do presente, e com isso percebe-se a resistência psicológica presente, assim como apresentada na passagem

Quando o dia de Finados chegou, Bibiana foi pela manhã ao cemitério com os dois filhos. Estava toda de preto e agora passado o desespero dos primeiros tempos, seria uma grande tranquilidade (...). Seus olhos estavam secos. Às vezes parecia que ela toda estava seca por dentro, incapaz de qualquer sentimento” (VERÍSSIMO, 1982, p. 308).

Além disso, percebemos a resistência psicológica por meio dos personagens com o que elas sempre afirmavam: Esperar, um verbo que, conforme Bibiana e Ana Terra, é um dos destinos das mulheres da família. “*Fiar, chorar e esperar*”. Uma vida fadada às três atividades. Fiar, presume-se as atividades do lar, enquanto chorar e esperar referia-se à espera e a preocupação com os homens de sua família quando eles estavam nas guerras.

Consequência de tantas perdas, de tantas lutas internas para encarar certas situações e seguir com a vida em frente, essas mulheres retratam a resistência física e psicológica abordada no romance. Não foram poucos os episódios: começando com Ana Terra que tivera que enfrentar o autoritarismo de seu pai; a sua paixão pelo mestiço Pedro Missioneiro, amor este que era impossível devido à questões “morais” daquela época; depois resistir a um estupro coletivo cometido pelos castelhanos; sua partida para Santa Fé – lugar novo e desconhecido por ela, sozinha e carregando um filho pequeno em uma época de muito preconceito. Posteriormente sua neta, Bibiana: ser a matriarca da família já que seu marido Cap. Rodrigo Cambará se tornara um *bom vivant* em vista que lhe agradavam as batalhas e a vida de casado se tornara monótona, Bibiana a espera pelo retorno de seu esposo das batalhas em que enfrentava, resiste ao tempo tendo o vento como parceiro nas lembranças de seus antepassados.

Enquanto às mulheres eram atribuídas tais características, aos homens era dado o título do provedor da casa, o chefe de família, o patriarca. Através das

mulheres o autor representou a resistência física e psicológica, já os homens passaram a representar a força física e a resistência política.

O cenário descrito é inóspito, cheio de perigos e em clima de guerras constantes, tratando-se de uma região em que os portugueses criaram na América fronteiras e rivalizando-se de forma permanente com o território espanhol em nosso continente. Este clima permanente de tensão e desafios dá origem a uma sociedade rústica em seu tempo e com características culturais muito próprias, e assim o homem tende a mostrar sua força para enfrentar as batalhas que cercam o país, sua resistência física, política e psicológica em virtude de que essas guerras ocorrem devido a disputas políticas.

Essa ideia representada pelos personagens Capitão Rodrigo Cambará, a família Amaral, Rodrigo Terra Cambará e Licurgo, todos interligados pelas características de força, coragem e pelo envolvimento com a política. Capitão Rodrigo Cambará é descrito como típico representante do gaudério, símbolo do machismo, mulherengo, aventureiro, nobre e generoso, o monarca das coxilhas. Rodrigo casase com Bibiana, neta de Ana Terra. Homem acostumado a pelear em guerras que mesmo contrariado, assenta morada na vila.

O coronel Bento Amaral representa o líder político que ainda manda na cidade. A família Amaral vem perpetuando-se no poder desde o início da fundação do povoado com Ana Terra. Licurgo representa a oposição republicana que não aceita a influência da monarquia. O confronto político entre as forças dirigentes Amaral versus Cambará, acontece antes da Proclamação da República; a oposição de tantos setores da sociedade à monarquia tornou possível o golpe que instalou a República no Brasil.

Em *O Retrato*, o foco está voltado para a trajetória política de Rodrigo Cambará, filho de Licurgo, pois com a morte de Júlio de Castilhos, o seu pai perde o mando político de Santa Fé e passa para a oposição. Inicia-se então a trajetória política de Rodrigo, apoiando o governo de Borges de Medeiros e de Pinheiro Machado, o que para Candido (2000), a narrativa com caráter ideológico na literatura compreende a tanto a função total quanto a função social, sendo o discurso político mais abordado enquanto o fato histórico passa a ser o elemento desencadeador de discussões políticas.

Porém, o momento em que o discurso político fica mais evidente é quando Rodrigo Terra Cambará se envolve na política, em “*O Arquipélago*”, e mesmo

formado em medicina volta para Santa Fé e ingressa no jornal “A farpa” para denunciar os fatos a respeito do momento político em que o País se encontrava, depois da queda de Vargas.

Na trilogia, colocam-se em cena diversas avaliações sobre a situação regional e a nacional. Essa diversidade aparece também nas diferentes propostas de solução dos impasses: engajadas e autoritárias, como o comunismo de Eduardo e Stein (em *O Retrato*); anticomunistas e místicas, como a Igreja Católica, através do irmão Toríbio (em *O Retrato*); liberais, representado por Roque Bandeira e Floriano (*O Arquipélago*); populista, representado por Rodrigo Cambará; e conservadora, estancieiro sociólogo Terêncio Prates (em *O Arquipélago*).

No final da trilogia, a família Terra-Cambará mantém contato tanto com os heróis da Coluna Prestes através do personagem Toríbio Cambará, quanto com Getúlio Vargas, representado pelo personagem do Dr. Rodrigo Cambará. O Rio Grande do Sul e a família Terra-Cambará apresenta então, ao final de *O Tempo e o Vento*, muito mais importante ocupando uma posição central ao Brasil.

A trajetória da degradação seria, então, o resultado de uma operação crítica revelada na trilogia, através do personagem Floriano juntamente com uma série de acontecimentos, assim como são revelados ao longo do romance o modernismo, o progresso e do avanço da sociedade, como Chaves (2001) chamou de “problematização da sociedade”.

Como anteriormente o poder político era centralizado, sendo comum até mesmo o uso da violência a quem pertencia a oposição e o poder legislativo era visto apenas como meros empregados que cumpriam ordens, ao longo do romance, esse poder vai se descentralizando e surge o Estado Moderno, no qual o separa a figura política da social e somente com o abandono do modelo de poder herdado pelos portugueses é que se iniciaria o estado brasileiro abordando a transformação da sociedade e das relações do poder.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário primeiramente esclarecermos que embora apareça em alguns momentos o termo “personagens”, não é o nosso objeto de investigação o estudo dessa categoria, o que nos interessou realmente foi relacionar o conceito de resistência à obra de Erico Verissimo.

Considerado um dos mais importantes escritores gaúchos e suas obras são sempre muito ricas de conteúdo, de informações e detalhes, sempre abordando questões sociais, um dos motivos que influenciou na escolha desse autor para a realização da pesquisa. Como a trilogia *O Tempo e o Vento* possui essa riqueza, passamos a analisá-la.

Embora o termo *resistência* seja um conceito abstrato, aplica-se a muitas situações ou condições do ser humano no sentido de confronto ou não aceitação de algo que seja imposto, podendo apresentar-se como um objeto simbólico em determinado momento. Por isso, o objeto da pesquisa foi a análise de como esse conceito aplica-se a alguns personagens, a objetos e à própria natureza presentes no romance. Para tanto, a pesquisa apresentada foi de caráter bibliográfico que teve como base teórica os conceitos propostos por Georg Lukács, Alfredo Bosi, Regina Zilberman, Flavio Loureiro Chaves, entre outros autores que discutem essa concepção no universo das humanidades e busca contribuir com a Literatura e a quem mais possa interessar o assunto abordado, bem como chamar a atenção dos leitores de Erico Verissimo para que, durante sua leitura, possam fazer essas observações através de um olhar mais crítico, não apenas como a leitura de um romance, mas sim buscar se aprofundar nas questões aqui apresentadas.

Através da pesquisa, verificamos que são muitas as resistências presentes na obra: resistência como as físicas, representadas pela paisagem inóspita do pampa gaúcho ou pelo vento minuano adquirindo este, o *status* de protagonista, já que é uma presença constante no conjunto da obra que dialoga com os personagens e influenciam os seus estados de espírito; resistências de caráter material, representados pela tesoura, pela roca e pelo próprio Sobrado; tais objetos mencionados representam a voz feminina na obra, já que mostram a força, a coragem, a independência das mulheres, visto que eles é que davam o sustento de suas famílias quando os homens da casa morriam nas guerras e eram as mulheres que tinham que manter a casa; resistências de ordem pessoal e políticas que

pendem ora para o familiar ora para o comunitário; e até mesmo, de certa forma, resistência psicológica, já que no romance as emoções dos personagens afloram de maneira que o leitor consegue imaginar as aflições, ainda mais nos personagens femininos quando tudo o que lhes restara era trabalhar, obedecer e esperar.

Ao longo do romance, é mostrado a evolução de uma sociedade que anteriormente possuía o modelo patriarcal e com poder centralizado e que, com o passar das gerações essa questão vai mudando e a sociedade vai se transformando.

Todo esse processo histórico, por fim, também representa um cenário como um fator de resistência às situações colocadas pelo conflito político durante toda a obra e a ascensão da família Terra Cambará que finda com a instauração do Estado.

Com tudo o que foi apresentado, é possível perceber que a obra é um campo rico para investigações que permite aos estudiosos seguir inúmeras linhas de pesquisa, já que o trabalho aqui apresentado foi apenas uma dessas linhas de, baseado em uma das várias interpretações possíveis de se fazer, tendo em vista que a obra é muito rica, ainda mais porque Erico Verissimo não julga, mas sim, mostra os dois lados da história, deixando ao leitor a possibilidade de tirar suas próprias conclusões. É válido lembrar ainda, que muitas reflexões podem surgir sobre o assunto aqui abordado, ficando como proposições para que em outra etapa possam ser melhor aprofundados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Alcmena. **A história foi assim: o romance político brasileiro nos anos 70/80**. Rio de Janeiro: Caetés, 2000.

BORDINI, Maria da Glória. O continente de São Pedro: éden violado. In: BORDINI M. da G.; ZILBERMAN, R. **O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 51-64

_____. Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. _____. O questionamento político em O Arquipélago. In: BORDINI, M. da G.; ZILBERMAN, R. **O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 123-139.

_____, Maria da Glória; in: GONÇALVES, Robson Pereira. **O Tempo e o Vento 50 anos**. Santa Maria,RS: UFSM; Buru SP: EDUSC,2000, p.13.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. Erico Veríssimo de trinta a setenta. In: CHAVES, Flavio Loureiro (org). *O Contador de histórias*. Porto Alegre: Editora Globo, 1978, p.49.

CHAVES, Flávio Loureiro. **O escritor e o seu tempo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

_____, Flávio Loureiro. **Érico Veríssimo: Realismo & Sociedade**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

_____, Flávio Loureiro. **Erico Veríssimo-realismo & sociedade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981, p.43

_____, Flávio Loureiro. in: GONÇALVES, Robson Pereira. **O Tempo e o Vento 50 anos**. Santa Maria,RS: UFSM; Buru SP: EDUSC,2000, p.14.

GONÇALVES, Robson Pereira. **O tempo e o vento 50 anos**. Editora: UFSM; SP, 2000.

GOMES JÚNIOR, Marcílio; Oficina do Estudante, disponível em <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/o-tempo-e-o-vento-analise-da-obra-de-erico-verissimo/> , acessado em 23/04/18 às 15h02

LUKÁCS, Georg. **La novela histórica**. México: Era, 1966; p.52-53.

_____. Georg. **Ensaaios sobre literatura**. Tradução de Leandro Konder. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. Georg. **O romance histórico**. Tradução de Ruben Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011. P.60.

MELLO, Alberto da Cunha. Marco Zero Crônicas; **Ana Terra: uma tragédia fundadora**, Recife: CEPE 2009.

RODRIGUES, Laiane Coelho; BARBOSA, Clarissa Loureiro. A construção da memória e da identidade das personagens Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria a partir das suas relações com seus objetos biográficos em O tempo e o vento; p.03;

VERÍSSIMO, Erico. O tempo e o vento. **O Continente, vol.1**; 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____, Erico. O tempo e o vento. **O Continente, vol. 2**. 3ªed; São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____, Erico. O tempo e o vento. **O retrato, vol.1**. 3ªed; São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____, Erico. O tempo e o vento. **O retrato, vol.2**; 3ªed; São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____, Erico. O tempo e o vento. **O arquipélago, vol.1**; 3ªed; São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____, Erico. O tempo e o vento. **O arquipélago, vol.2**; 3ªed; São Paulo:

Companhia das Letras, 2004.

_____, Erico. O tempo e o vento. **O arquipélago, vol.3**; 3ªed; São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Érico Veríssimo, um escritor de vanguarda?** In:

GONÇALVES, Robson Pereira. O tempo e o vento: 50 anos. Santa Maria: UFSM; Bauru: Edusc, 2000. p. 21-23.

ZILBERMAN, Regina. **História, mito e literatura.** In: BORDINI, M. da G.;

ZILBERMAN, Regina. O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 21-48.

_____, Regina. in: GONÇALVES, Robson Pereira. **O Tempo e o Vento 50 anos.** Santa Maria,RS: UFSM; Buru SP: EDUSC,2000, p.13.